

O CONCEITO DE PROPORÇÃO EM ESTUDOS GRAMATICAIS

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes

Mestrado/UFF

Orientador: Ivo da Costa do Rosário

Introdução

A proporção é definida pelo Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009) como:

Substantivo feminino

1 relação das partes de um todo entre si, ou entre cada uma delas e o todo, quanto a tamanho, quantidade ou grau; razão;

2 relação entre as partes de um todo que provoca um sentimento estético de equilíbrio, de harmonia;

Ex.: *as p. ideais da escultura e da arquitetura gregas*

3 justa relação entre coisas; conformidade;

4 extensão, intensidade, tamanho; dimensão (mais us. no pl.)

Ex.: *um incêndio de grandes p.*

5 efeito causado; importância;

Ex.: *o caso tomou p. inesperadas*

6 Rubrica: aritmética.

igualdade de duas razões;

Esse conceito instituído na língua está presente na classe dos advérbios, em razão do seu caráter circunstanciador. No âmbito da sintaxe, por sua vez, este é representado pelas orações adverbiais proporcionais, em que, na teoria, estabelecem essa idéia de “relação entre as partes”. Contudo, o que se observa, principalmente, em estudos de abordagens não tradicionais é o questionamento da autonomia dessa noção, ora ajustada a tempo, ora a

conformidade. Essa última, inclusive, é citada na definição 3 do dicionário Houaiss, revelando a proximidade entre esses matizes semânticos.

Nesse sentido, a partir das definições de gramáticas e estudos que abordam a questão proporcional no âmbito sintático, busca-se retratar as dissensões presentes no tratamento do conceito de proporção, bem como discutir se as proporcionais não teriam direito a um estatuto próprio, desvinculado de outras nuances semânticas.

Metodologia

Esse trabalho apresenta caráter teórico e busca fazer um apanhado entre estudos linguísticos e gramáticas normativas a fim de elencar as distintas perspectivas acerca da noção de proporção na língua. Com esse objetivo, foram consultadas as seguintes gramáticas:

Tabela I - Autores que apresentam estudos de abordagem tradicional

Autores	Título
Celso Cunha e Lindley Cintra	Nova Gramática do português contemporâneo (2008, 5ª edição)
Rocha Lima	Gramática normativa da língua portuguesa (2011, 49ª edição)
Evanildo Bechara	Moderna gramática portuguesa (2009, 37ª edição)
Celso Pedro Luft	Moderna gramática brasileira (2002, 1ª edição)
Napoleão Mendes de Almeida	Gramática metódica da língua portuguesa (1983, 32ª edição)
Adriano da Gama Kury	Gramática fundamental da língua portuguesa (1973, 7ª edição)

Nos estudos não tradicionais foram analisadas as seguintes obras:

Tabela II - Autores que apresentam estudos de abordagens não tradicionais

Autores	Título
Ataliba de Castilho	Nova gramática do português brasileiro

	(2012, 1ª edição)
Rodolfo Ilari e Maria Helena Moura Neves (orgs.)	Gramática do português culto falado (2008)
Raposo <i>et alii</i>	Gramática do português (Volume II) (2013)
Mateus <i>et alii</i>	Gramática da língua portuguesa (2003)
Maria Beatriz Decat	Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista (2001)

Além da consulta dessas obras, serão expostas ocorrências resultantes do levantamento empreendido no *Corpus Discurso & Gramática* em que foram encontradas 14 ocorrências de construções proporcionais, sendo 5 delas construções de *à medida que* e as demais de ocorrências correlativas, no intuito de discutir o estatuto autônomo da proporção no âmbito de língua portuguesa.

1. As orações adverbiais proporcionais nas gramáticas tradicionais

Entre as gramáticas tradicionais, há um visível consenso em situar as construções proporcionais em meio às orações subordinadas adverbiais, representando a circunstância de proporção. Na maior parte desses manuais, há uma breve definição acerca do conceito de proporção e em seguida a exposição de exemplos, como nos trechos a seguir:

(1) Denotam “aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou sem sentido contrário a outro aumento ou diminuição”. (Said Ali, Gramática secundária da língua portuguesa, op. Cit., p. 146).

A inundação aumentava/*à medida que* subiam as águas do rio.

Ganhamos experiência/*à proporção que* envelhecemos. (Rocha Lima, 2011, p. 353)

(2) Quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que (...), etc.:*

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua. (Bechara, 2009, p. 608-609)

(3) Equivalem a um adjunto adverbial de proporcionalidade, e exprimem:

a) Passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concordância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais);

b) “aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição” (Said Ali, GS, 202).

(...) “As criaturas são mais perfeitas, [*à proporção que são mais capazes de amor*].” (M. Aires, RVH, 169);

“O ruído abafado e bem distinto de mover dos dous exércitos vai-se gradualmente confundindo num som único, [*ao passo que o chão intermédio se embebe debaixo dos pés dos cavalos*]” (Eur., cap. X)

“E, [*à proporção que se avizinhava o momento supremo*], mais e mais imprudente lhe parecia a sua temeridade” (Al. Azevedo, CP, 281).

(Kury, 1973, p. 95)

Em Kury (1973), a informação “Passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concordância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais)” em descompasso às demais definições passa quase despercebida no corpo do texto, tendo em vista que não é retomada posteriormente. Há de se ressaltar a atitude do autor, sensível quanto ao sentido, por vezes, difuso de proporção, o que motiva seu apontamento, que parece mais um breve comentário acerca do caráter das proporcionais.

Em outras gramáticas consultadas, o trecho referente à definição das adverbiais proporcionais resume-se a brevíssimos textos introdutórios e a veiculação de exemplos, não apresentando maiores discussões quanto ao conceito de proporção.

(4) (...) classificam-se em (...) proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional:

Mais se alheava do mundo/*À proporção que* crescia (O. Mariano)
(Cunha, 2008, p. 321)

(5) Como diz o termo, denotam ‘proporção’.

(...) quando introduzidas por *à proporção que*, *à medida que*, etc.

Ex.: [[*À proporção que avança*], enxerga melhor]. [[*À medida que cresce*], torna-se mais desempenado]. (Luft, 2002, p. 89)

(6) “*À medida que o menino compreendia*, ele se tornava mais alegre” – “*À proporção que o inverno entrava*, os pássaros desapareciam” – “*Quanto mais se sabe*, (tanto) maior queda se dá” – “*Qual é Maria*, tal é sua cria” – “Portou-se tal *qual não convinha*” – “*Onde está teu tesouro*, aí está o teu coração”. (Almeida, 1983, p.530)

Um aspecto interessante dentre as gramáticas elencadas é que todas as consultadas fazem menção, ainda que por meio de exemplos, aos conectores correlativos como alternativa para introduzir as orações proporcionais. Contudo, não é destinado um tratamento distinto em relação às formas constituídas por locuções adverbiais simples (*à medida que*, *à proporção que*). As formas correlativas são inseridas no âmbito da subordinação, como faz Kury (1973), que distingue os dois tipos de orações adverbiais proporcionais:

1- Simples, introduzidas pelas locuções *à proporção que*, *à medida que*, *ao passo que*. Exs:

“As criaturas são mais perfeitas, [*à proporção que são mais capazes de amor*].” (M. Aires, RVH, 169);

“O ruído abafado e bem distinto de mover dos dous exércitos vai-se gradualmente confundindo num som único, [*ao passo que o chão intermédio se embebe debaixo dos pés dos cavalos*]” (Eur., cap. X)

“E, [*à proporção que se avizinhava o momento supremo*], mais e mais imprudente lhe parecia a sua temeridade” (Al. Azevedo, CP, 281).

2 – Correlatas, em que o termo intensivo que introduz a oração subordinada (quanto mais, quanto menos, quanto melhor, quanto pior) se acha em correlação com outro que introduz a chamada oração principal (mais, menos, tanto mais, tanto menos, ect.):

“[*Quanto mais se agitava*], mais preso na rede ficava” (M. Lobato, Fábulas, 172);

“E tanto mais me enturmava eu, [*quanto maior era o número de curiosos*]” (C. dos Anjos, ET, 9). (Kury, 1973, p. 95)

Cunha e Cintra (2008) em forma de observação também apontam essa característica das construções proporcionais:

Observação:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais...tanto mais, quanto mais...tanto menos, quanto menos...tanto menos, quanto menos...tanto mais*:

/Quanto mais o conheço, / tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:

/Quanto mais o conheço, / mais o admiro.

/Mais o conheço, / tanto mais o admiro.

/Mais o conheço, / mais o admiro.

A primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL. (Cunha e Cintra, 2008, p. 622-623)

Os autores ainda afirmam que é comum o segundo elemento não vir expresso. Nota-se que, apesar da referência às formas correlativas, o tratamento ainda é tradicional, levando em consideração a frase “A primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL”. Assim, de maneira incisiva, mostra-se que, mesmo apresentando-se de forma distinta, a construção proporcional ainda insere-se no bojo da subordinação e, por isso, será classificada como subordinada adverbial proporcional.

É preciso ressaltar que não cabe nesse estudo nenhuma avaliação de juízo de valor em relação às definições implementadas pelas gramáticas tradicionais, visto que essas se propõem a outra finalidade, voltada não para discutir aspectos polêmicos da língua, como a noção de proporção, mas estabelecer os usos prestigiados que compõem a norma padrão. Esse levantamento de definições tem como objetivo mostrar que até entre os autores tradicionais há, mesmo que discretas, diferenças teóricas no que tange ao objeto de estudo em pauta.

2. Orações adverbiais proporcionais em outras abordagens

Sob perspectivas não tradicionais as dissensões são bem maiores do que entre os estudos normativos. Busca-se, nessa seção, evidenciar o tratamento dado à proporção em algumas dessas abordagens no sentido de estabelecer distintos matizes semânticos atrelados a esse conceito.

Castilho (2012), em sua gramática de base funcionalista define que as adverbiais podem ser integradas em três grandes grupos. São eles (1) causalidade *lato sensu*: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas; (2) temporalidade, incluídas as proporcionais; (3) finalidade. Nesse sentido, o autor entende as proporcionais como subtipo das temporais e estabelece a definição “Temporais: expressam um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao da matriz, sendo introduzidas por *quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, à medida que, antes que, depois que.*” (p. 379). Ainda nessa perspectiva, utiliza a divisão das temporais desenvolvida Koch (1987), e traz os exemplos também da autora:

1. Tempo simultâneo/anterior/posterior
 - a. *Comi a sobremesa enquanto/ao mesmo tempo em que você falava*
2. Tempo progressivo

À medida que eu comia a sobremesa, eu via bater seu desespero (p. 379).

Assim, as orações proporcionais, representadas pelo exemplo *À medida que eu comia a sobremesa, eu via bater seu desespero* são instituídas como orações de tempo progressivo. Em relação aos conectivos correlativos de cunho proporcional, não foram estabelecidas descrições específicas. Houve apenas a denominação dos tipos de correlação, à página 388, “correlatas aditivas, correlatas alternativas, correlatas comparativas e correlatas consecutivas.”.

Entendimento semelhante apresenta Decat (2001) ao postular que a proporção faz parte do matiz semântico de tempo, uma vez que indica simultaneidade ou coincidência de eventos, trazendo os exemplos:

- *Destaca-se, a princípio, a Psicologia, mas, à medida que os reformadores vão explorando e tentando levar à prática seus objetivos, outras ciências humanas se insinuam e se estruturam.*
- *E aí ce tem técnicas de analisar o material como é que ele::... tá evoluindo à medida que o tempo passa....*

- quer dizer ocê ocê é um pouco racionalista *na medida em que você prevê na sua cabeça uma hipótese... e é empirista na hora que ocê busca a resposta MESmo... a confirmação disso nos dados... reais e tal... né?*. (p. 5)

Sob seu ponto de vista, as gramáticas tradicionais ora apresentam classificações muito amplas, generalizando nuances semânticas que mereciam ser colocadas em destaque (como as condicionais com valor temporal), ora elas são exageradamente minuciosas, o que leva à perda de generalização pertinente, como é o caso das proporcionais. A razão disso, para Decat, é o fato de a classificação tradicional ser muito presa aos conectivos que introduzem as cláusulas.

Na gramática do português culto falado (2008), o capítulo 12 é destinado às construções correlatas. Nele, o autor Marcelo Módolo traça características relacionadas aos diferentes tipos de correlação (aditiva, alternativa, consecutiva, comparativa e proporcional). De forma reduzida, é apresentado o breve conceito de correlação proporcional:

Raramente a literatura registra este tipo de correlata em que, sobrepondo-se à noção de proporção, está a noção de conformativa, implicando “um acordo” entre as asserções das duas sentenças correlacionadas: (Barreto, 1992).

Quanto mais conhecimento o cético adquiria das filosofias, *tanto mais* conflitantes elas lhe iam parecendo. (p. 1099)

Desse modo, esse autor, pautado em Barreto (1992), assume que o conceito de proporção é sobreposto pelo de conformidade na estrutura correlativa. Com isso, diferente de Decat (2001) e Castilho (2012), que entendem as construções de *à medida que* como temporais, Barreto (1992) e Módolo (2008) pontuam que, na correlação proporcional, o matiz semântico dominante é a conformidade. Essas distintas interpretações parecem ser motivadas mais pelas distintas estruturas assumidas pelas construções proporcionais, ora introduzidas por *à medida que*, ora por conectores correlativos do que pelo escopo sinuoso da proporção.

Mateus *et alii* (2003) distinguem o comportamento dos conectores correlativos e dos conectores isolados como *à medida que*, mas por ambas estruturas apresentarem conectivos de quantificação e grau, são integradas ao grupo das construções de graduação e comparação. Isso é explicitado a seguir:

A relação de proporcionalidade é clara quando os conectores são correlativos descontínuos (*quanto mais...tanto mais*) mas ela também existe com os conectores não correlativos (*à medida que, à proporção que*), por vezes associada a um valor temporal, como é o caso de *enquanto*. (p. 765).

De forma distinta dos autores até então citados, Mateus *et alii* (2003), apesar de assumirem que os conectores não correlativos podem apresentar valor temporal, não tomam isso como uma norma, salientando que esse pode ser um escopo semântico, mas que não anula o da proporção.

No intuito de diferenciar os dois tipos de estruturas proporcionais, as autoras fazem testes e, a partir deles, concluem que os conectores correlativos, ou descontínuos, não são deslocáveis, não são objeto de clivagem e não são adjuntos à oração matriz. Por conseguinte, afirmam:

A gramaticalidade dos exemplos mostra que este segundo tipo de orações proporcionais [compostos por *à medida que*] tem o estatuto de adjunto, aproximando-se das subordinadas adverbiais; mas por comportarem conectores que exprimem uma quantificação/grau integram-se nas construções de graduação. (p. 766).

De modo esclarecedor Mateus *et alii* pontuam que a natureza dos conectores repercute no comportamento sintático das construções proporcionais. É interessante notar que, nessa abordagem, as autoras buscam conjugar aspectos sintáticos e aspectos semânticos, analisando o comportamento dos conectores e estabelecendo uma categoria que inclui esse matiz semântico.

Na gramática do português, encontra-se uma definição bastante semelhante à de Mateus *et alii* (2003). A diferença é que nessa é dada uma importância maior às orações de *à medida que* que estabelecem noção temporal, como é visto no trecho:

Orações com *à medida que* + indicativo/conjuntivo

As orações introduzidas por *à medida que* estabelecem uma correlação temporal entre a oração subordinada e a OP: o evento da OP progride temporalmente de uma forma gradual, paralela à do evento da oração subordinada:

- a. À medida que o comboio avança, a paisagem torna-se mais agreste.
- b. À medida que o tempo passava, a minha angústia aumentava. (p. 2005)

Com isso, assume-se que orações com *à medida que* + indicativo/conjuntivo constituem um subtipo das orações temporais. No entanto, posteriormente, postula-se a

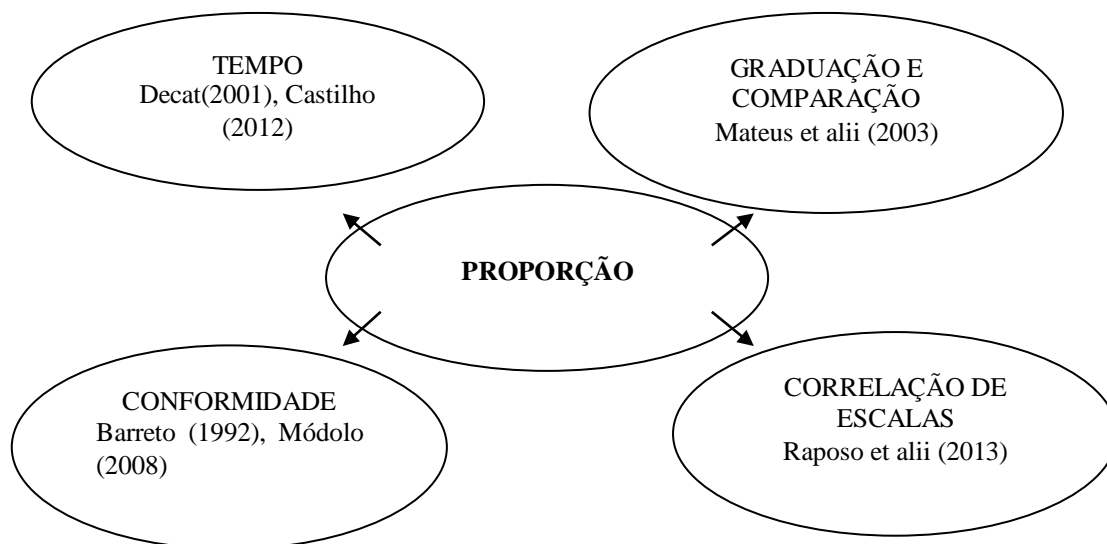
categoria *estrutura de correlação de escalas* semelhante às *construções de graduação e comparação* já vistas. Nessa categoria, encontram-se as correlações entre duas escalas, tanto com conectores correlativos quanto com *à medida que*.

- a. Quanto mais ele fala, mais se contradiz
- b. Quanto menos estudantes há, menos professores são precisos
- c. Quanto mais tempo ele demorar, menos pessoas vai encontrar à sua espera
- d. Quanto menos médicos houver, mais doentes terão de ser atendidos por cada um.

Se os operadores comparativos forem idênticos, a construção indica que as duas escalas são diretamente proporcionais; se forem diferentes, a construção indica que as escalas são inversamente proporcionais. como em (a), mas também podem estar associados a classes de palavras diferentes como em (b). (p. 2165)

Os dois pontos ressaltados – caráter diretamente ou inversamente proporcional e correlação de elementos de distintas classes– são bastante interessantes no sentido de melhor entender a estrutura da correlação e que tipo de elementos ela licencia.

Tanto *Mateus et alii* (2003) quanto *Raposo et alii* (2013) preveem uma nova categoria para alocar as construções proporcionais. Essas iniciativas mostram o desconforto em situá-las indiscriminadamente entre as orações subordinadas adverbiais, sem ao menos abarcar a questão dos conectores correlativos. Entre os autores consultados, houve com frequência a associação das proporcionais às temporais, alguns afirmando com mais assertividade, outros com ressalvas. Desse modo, as associações do conceito de proporção em relação a outros ficaria disposta visualmente da seguinte forma.



O lugar da proporção

Depois da análise dos estudos gramaticais de caráter tradicional e de outras abordagens, a pergunta que se coloca é se a proporção como “justa relação entre as coisas (...)” (Houaiss, 2009) tem lugar entre os matizes semânticos. As análises que atrelam o conceito de proporção a outras noções parecem agir de modo a retirar sua autonomia na medida em que o estatuto de proporção ora se desloca para tempo, ora para conformidade, dentre outros.

A partir da exposição de ocorrências resultantes do levantamento empreendido no *Corpus Discurso & Gramática*, busca-se reivindicar o lugar da proporção dentre os aspectos semânticos da língua.

(1)(...) você olha...pro lado...pra ver se tem algum carro...se não tiver...você...você solta o pé da embreagem...vai andando devagarzinho...aí você vai/ **à medida que** o carro vai...tomando velocidade...você vai mudando as marchas...entendeu? (D&G Juiz de Fora, Inf. 8)

Em (1), por exemplo, a ação de tomar velocidade está totalmente ligada à de mudar as marchas, de modo que o desenvolvimento de uma ação leva a outra. Assim, ainda que passe pela noção de tempo e, nesse caso, também pela de conformidade, a ideia de que dois eventos simultâneos ocorrem e se dão juntamente caracteriza a proporção. Ela pode se assemelhar a outras nuances de sentido, mas não perde sua identidade. Estruturalmente, a correlação entre os verbos também marca a proporção, ambos formados pela perífrase *ir* no presente + verbo no gerúndio, ressaltando a condição simultânea dos fatos.

(2) Depois do café eu saía com meu primo, e nós pegávamos outra estrada de chão batido, muito estreita. **Quanto mais** nós caminhávamos, **mais** comprida parecia a estrada. Para mim naquela época a estrada parecia não ter fim. A cidade tinha muitas árvores: eucaliptos, pinheiros, acácias, limoeiros, etc. (D&G, Rio Grande do Norte, Inf. 7).

(3) Este é um outro ponto importante, isto é, cada papel, principalmente os de melhor qualidade oferecem uma trama que é o correspondente à disposição dos fios de um tecido de algodão. **Quanto melhor** for o papel, observaremos ainda **mais** tal detalhe. (D&G, Natal, Inf. 4).

Em (2) e (3) a estrutura correlativa parece tornar mais evidente a noção de proporção, evitando o conflito com tempo ou com conformidade. Contudo, a interpretação é a mesma, um fato se dá em concomitância a outro, logo *quanto*

mais se caminha, mais comprida parece a estrada e quanto melhor é o papel, observa-se mais o detalhe.

Nesse sentido, sem entrar na discussão acerca do processo de articulação sintática que atua nas construções proporcionais – subordinação ou correlação – busca-se estabelecer o campo da proporção. Sabe-se que na língua esses matizes semânticos, por vezes, se amalgamam, levando a interseções, contudo há casos prototípicos como (2) e (3) que valem a categorização do sentido proporção, estabelecendo um estatuto próprio desse lugar proporcional.

Considerações Finais

A noção de proporção apresenta-se como um matiz semântico gerador de divergências entre estudiosos da língua. Por esse motivo, principalmente em abordagens mais modernas, é uma tendência sua perda de independência dentre outros sentidos mais abrangentes. Contudo, defende-se seu lugar em meio aos matizes semânticos e admite-se que há casos em que, de fato, as nuances de sentido se cruzam.

Com isso, construções proporcionais, como *Quanto mais nós caminhavamos, mais comprida parecia a estrada* e *Quanto melhor for o papel, obsevaremos ainda mais tal detalhe* seriam exemplares prototípicos que assegurariam o estatuto proporcional *strictu sensu*. Nesse sentido, ressalta-se o valor em discutir a pretensa perda de autonomia da proporção, pouco provável em razão da manutenção da nomenclatura nas orações adverbiais em gramáticas tradicionais, bem como a análise de ocorrências da língua. Desse modo, mostra-se interessante a continuidade do estudo com base em novas ocorrências para análise de maneira a estabelecer os limites, ainda que difusos, entre a proporção e outros sentidos presentes na língua.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2004.

BECHARA, Evanildo.. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009

CASTILHO, Ataliba T. de.. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DECAT, Maria Beatriz et al (Org.). **A articulação hipotática adverbial no português em uso**. In: *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo et al. As conjunções. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. 2. São Paulo: Unicamp, 2008.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MÓDOLO, Marcelo. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. vol. 2. São Paulo, Unicamp, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

RAPOSO, Eduardo et al. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.